

Professora tirou licença sem vencimento e fez mestrado e doutoramento como emigrante

Célia Cordeiro, feminista, tem um percurso académico feito a pulso nos Açores e nos EUA e gostava de dar aulas na Universidade

Célia Carmen Cordeiro, boa aluna, foi impedida pela mãe de estudar fora dos Açores, tendo por isso feito os seus estudos superiores na academia açoriana. Terminada a licenciatura, foi dar aulas, mas alguns anos depois tirou uma licença sem vencimento para prosseguir com o mestrado e doutoramento nos EUA. Foi uma vida dura como emigrante, mas reconhece que aprendeu muito e conseguiu visitar alguns países da América Latina.

Correio dos Açores: - Fale-nos um pouco do início do seu percurso académico e dos encrencas que lhe foram colocados por não poder estudar fora dos Açores?

Célia Carmen Cordeiro: Sou natural da freguesia dos Arrifes, mas nasci em São José (Ponta Delgada), no antigo hospital. Já não sou do tempo de nascer em casa, mas toda a minha infância foi passada nos Arrifes. Tive a oportunidade de frequentar a Escola Básica 2/3 dos Arrifes até ao 9º ano. Com 14 anos, já a fazer 15, fui estudar para a Escola Secundária Domingos Rebelo. Era muito boa aluna em todas as disciplinas e tive alguma dificuldade em escolher a área a seguir. Na altura, não havia testes psicotécnicos e os meus professores desaconselharam-me a seguir a área de Letras. Portanto, foram mais eles que me orientaram do que a minha família, que não tinha conhecimentos para dizer a melhor área. Fui então para a área de Ciências Exactas, agrupamento 1, embora já no 9º ano pensasse seguir Jornalismo ou Psicologia. Para isso, teria de ir estudar para Portugal continental, mas tal era assunto tabu. A minha mãe desaconselhava-me vivamente a sair da ilha. Sou de uma família humilde; o meu pai era lavrador, tinha uma carroça, algumas terras, e casa própria, porque lutou muito para isso. Foi emigrante durante 14 anos, no Canadá. Com ele que eu desabafa e dizia que gostava de estudar fora da ilha. Ele apoiava esta minha vontade, pois a minha irmã mais velha deu-lhe o grande desgosto de não ter prosseguido os estudos, não porque não tivesse essa oportunidade, mas porque não gostava da escola, tendo ficado apenas pela escolaridade obrigatória.

Se o pai a apoiava, então porque segue os estudos em São Miguel?

Falar da minha partida para fora era feita sempre às escondidas da minha mãe, principalmente quando ela ia à missa, porque quando ela estava sentia-se que detestava ouvir falar de planos com os quais não concordava. O pior azar da minha vida foi quando o meu pai teve um enfarte e posteriormente veio a falecer. Estava eu no final do 11º ano. Para além do desgosto de o perder, também perdi quem me apoiava em estudar fora. Isso foi o evento mais marcante da minha adolescência, porque condicionou também os meus sonhos. A minha mãe ficou a fazer o duplo papel: mãe e pai. Nunca meteu em causa o facto de eu continuar a estudar, mas impôs que o teria de fazer na Universidade dos Açores, em São Miguel.

No final do 11º ano tive então de ver qual o curso na academia açoriana em que eu poderia prosseguir estudos. Na altura não me imaginava a dar aulas nem de Biologia nem de Matemática, até porque no 12º ano passei à disciplina, mas lutei muito para isso. Nesta época 1994/95 havia poucos cursos, mas como gostava muito de literatura pensei que poderia enveredar pela via ensino no curso de Português/Inglês. Tomei esta decisão



Célia Carmen Cordeiro, autora de vários trabalhos e livros publicados em Portugal

numas férias de Páscoa, e como não era da área, tive de actualizar-me. Isto é, tive de estar ao nível dos meus colegas que tinham estado 3 anos em Humanísticas. Com a professora Henriqueta Sousa delineou-se um plano de estudo; estudei as obras, arranjei umas explicações de Português e também tive explicações de Latim. A verdade é que quando fiz a prova para Português valeu a pena, pois tive 75%. Os meus colegas das Letras não queriam acreditar. Essa mudança foi radical na minha vida. Fiz os exames nacionais. Entrei com facilidade na Universidade, mas no 1º ano sempre tive medo de dizer alguma asneira por não ter as mesmas bases dos colegas de Letras. Mas consegui, porque meti na cabeça que tinha de me esforçar, e, por isso fiz bem o curso, terminando-o com 14 valores, sendo que o mínimo na altura para passar uma disciplina era 12 valores.

Na altura não sabia se queria dar aulas, mas também pensava que como não tinha conhecimentos/cunhas eu teria que seguir a via do ensino.

Começou logo a trabalhar quando acabou a licenciatura?

Na ocasião, gostaria de ter feito o mestrado, mas os rendimentos lá de casa não permitiam isso. Comecei a minha carreira a dar aulas de Inglês, com estágio em Angra do Heroísmo, ficando lá a trabalhar, a que se seguiu São Jorge e Santa Maria.

Só quando fui colocada no Quadro de Zona Pedagógica é que regresso a São Miguel, para dar aulas nos Ginetes. No ano seguinte, fiquei efectiva na Escola EB2/3 da Maia, onde actualmente dou aulas.

Acabou por sair da ilha para ir trabalhar em outras ilhas. Foi agradável a experiência? Podemos dizer que foram uma espécie de férias em trabalho?

A primeira vez que saí da ilha foi para Boston (EUA), para fazer uns inquéritos aos emigrantes, a convite da professora Gabriela Funk. A segunda foi para dar aulas na Terceira. Não conhecia nada dos Açores, nem de Portugal continental. Na altura, só regressava a casa nas férias de Natal, Páscoa e de Verão. Foi também nessa época que tive a noção de arquipélago. E nessa altura não havia o programa "Bom Dia Açores [de Pedro Moura na RTP-Açores], através do qual se conhecia as outras ilhas (risos). Ouvia falar no Telejornal de vários lugares das ilhas, como as fajãs de São Jorge, mas nem imaginava como eram. Quando cheguei a Santa Maria é que comecei a ter uma ideia exacta de arquipélago, até porque nunca me tinha debatido com a falta do barco, com a falta da fruta, da farinha, com a falta do pão. Não havia o hiper... Estamos a falar de 2005/2006. Numa década tudo mudou. Dei aulas em São Jorge, no Topo, e ir do Topo à Calheta, por exemplo, era uma viagem de aventura. Só uma colega do nosso

grupo é que tinha carro. Para fazer compras maiores tinha de ser à boleia. Tanto em Santa Maria como em São Jorge não foi fácil viver. Quando havia temporais, o barco não chegava e quando íamos aos supermercados encontramos literalmente as prateleiras vazias. Nessa altura, tive a noção negativa de arquipélago. Em São Miguel nunca me deparei com isso.

Ficou efectiva em São Miguel e que decisões toma?

Fiquei efectiva porque mudei para Português, embora reconheça que já estava a ficar frustrada com a leccionação de Inglês porque os alunos trazem muito pouca bagagem e isso obriga-nos a falar muito em Português e eu queria dar as aulas em inglês. Até porque depois do ano de estágio, tinha feito um programa na Universidade de Boston em que me foi possível desenvolver o meu inglês. Foi um curso muito caro e ainda bem que lá tinha uma prima que vivia ali perto e não paguei estadia. Regressei com mais confiança. Senti necessidade de fazer este curso porque as aulas na universidade, à época, tinham muita gramática e pouca oralidade. Embora deve reconhecer que na Universidade dos Açores, depois de eu ter ido a primeira vez aos EUA, o tratamento que tive no 4º ano face à minha pessoa, com a mesma professora de inglês, foi muito diferente, para melhor, e eu não tinha mais Inglês porque os emigrantes na altura falam em português. Mas tratou-me como se tivesse passado o Verão inteiro na British School, em Londres. A minha nota mudou, para melhor (risos).

São Miguel em termos académicos tornou-se pequeno para si e decide continuar os seus estudos nos EUA, tornando-se emigrante. Porque?

Queria estudar mais, mas não me via a fazer um Mestrado na Universidade dos Açores até porque em 2006 a oferta não era a que há hoje. Como me tinha ficado o bichinho da América, um dia a fazer pesquisa na internet descobri que podia dar aulas nos EUA e ao mesmo tempo estudar. Senti que era a minha oportunidade. Eu já tinha corrido, através do Instituto Camões, e não tinha conseguido ficar no estrangeiro a dar aulas. Por isso, decidi candidatar-me a várias universidades nos EUA, sem ser na costa leste, onde estão os nossos emigrantes, porque queria integrar-me numa comunidade onde o inglês fosse predominante. Também estava interessada em seguir estudos feministas, até porque, a convite da professora Fátima Sequeira Dias, participei em 2008 no segundo congresso feminista em Portugal, na Fundação Calouste Gulbenkian [o primeiro foi em 1928], onde apresentei uma comunicação, que foi publicada em livro (Colectânea das Actas). Esse mesmo trabalho, aprofundado, enviei para as universidades americanas. O que eu queria era trabalhar com Ana Paula Roseira na Universidade